

ENTREVISTA

Entrevista por: Patrícia Helena Xavier e Rita de Cássia Camisolão

Conversando com Professor Dos Anjos

Cabo-verdiano, ex-estudante pelo Convênio PEC-G, Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1998), o professor realizou seu Pós-Doutorado na École Normale Supérieure de Paris (2007). Atualmente é professor da UFRGS, atuando nos programas de Pós-Graduação em Sociologia e Desenvolvimento Rural (PGDR). Coordenador do curso de Doutorado em Ciências Sociais, na Universidade de Cabo Verde (África), trabalha com Sociologia de Elites e Relações Interétnicas, desenvolvendo principalmente nos seguintes temas: mediação político-cultural no mundo rural, etnodesenvolvimento, identidades étnica e nacional e intelectual, desigualdade racial.

RSA: Você poderia falar sobre sua trajetória como estudante PEC-G aqui na Universidade e depois estabelecer uma relação dessa trajetória com a dos estudantes do convênio, hoje?

Dos Anjos: Pessoalmente, eu considero que a minha trajetória foi muito feliz graças a uma rede de apoio e a minha forma de inserção; tive a sorte de estabelecer uma relação profunda com ambientes e pessoas. De uma forma geral, o que ficou presente para mim é que, numa relação de cooperação internacional, em que pessoas circulam, há sempre uma relação que tem a dimensão humana de abertura, não se sabe de início o que as partes vão ganhar. O tempo vai proporcionando um conjunto de ganhos. Eu fiz uma trajetória no curso de Ciências Sociais, num momento em que a questão de reivindicação de igualdade racial estava se acirrando após a abertura política, a democratização do país, e isso me proporcionou uma inserção acadêmica que era simultaneamente uma inserção num

processo de amadurecimento de um movimento político. Isso foi muito feliz, por que deu ao meu curso uma dimensão, digamos, prática, uma dimensão de engajamento e a possibilidade de uma inserção numa rede que tinha dimensões militantes, dimensões de relações de amizade, de afinidades e que foram amadurecendo ao longo dos anos. Isso me deu algo que nem sempre acontece com os estudantes de convênios, um sentido a esta trajetória que é também um processo muito difícil de estar fora de casa, num lugar distante, numa cultura distante.

RSA: É possível fazer uma comparação do processo de acolhimento em sua chegada e o acolhimento e a inserção dos alunos que chegam hoje, 26 anos depois?

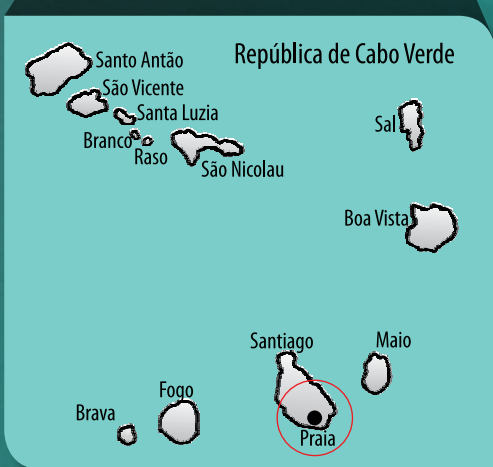
Dos Anjos: O que eu vejo quando faço comparações, quando analiso todo esse processo até agora, é que, para mim, foi um processo muito feliz pela rede de apoio e pela inserção na pecu-

Num verdadeiro poema em prosa, o ilustre entrevistado descreve a sua cidade natal, em Cabo Verde.



Beleza encoberta por paredes cinzas de pobreza mal pintada, Praia é uma cidade que aguarda a sua urbanidade. Em cantos e ângulos, a beleza não aguarda, atrevida se monta e se desfaz logo em seguida atrás de um muro cinza. Imagine um pequeno plateau de prédios coloniais. Isso é o centro da cidade. Um extenso miradouro asseverando uma pequena baía que acolhe no umbigo uma pequena ilhota despovoada. Isso é a cidade da Praia que se insinua nua e pequena.

Depois, mais de perto, a cidade vai se vestindo de paredes escancaradas, casas demasiado habitadas mas mal acabadas, becos, ruas sem saídas, caminho descontraídos, rasgando vales profundos e encostas íngremes: isso é a periferia que entorna o pequeno plateau. Cento e vinte cinco mil pessoas dão um tom particularmente dramático aos vales e ásperos cumes de (des) encontros de muitos recém-chegados do interior da ilha, das outras oito ilhas ou ainda senegaleses, guineenses, chineses, nigerianos, portugueses... e brasileiros, de vez em quando. No dia a dia, é como se a cidade recusasse a impessoalidade sistematicamente. As pessoas saltam de uma familiaridade generosa para com estranhos a um tratamento áspero, sem declinação pelo impessoal. Praia é uma simpática cidade cuja utopia foi sequestrada. Nas matas da Guiné-Bissau quando Cabral, o fundador da nacionalidade, sonhou alto para os seus guerrilheiros que os ministérios seriam espalhados pelos quatro cantos do país e os palácios do colonizador seriam transformados em casas de cultura, Praia teria sido uma cidade menos estressada e mais carregada de museus. Hoje, de fato, sem museus, mas carregada de musas, músicos e poetas, a cidade segue sonhando em seus cafés, bares e boates de extensas noites.





Primeiros estudantes brasileiros ao Brasil

liaridade do meu curso e do momento em que cheguei, mas a Universidade não conseguiu efetivamente, criar estruturas adicionais de apoio aos estudantes que chegam. Num primeiro momento, quando cheguei, me senti bastante deslocado e imagino que todos os estudantes africanos que chegam, chegam numa situação em que estão um tanto e quanto jogados para procurar a forma de se inserir e de criar a sensação de estar em casa e poder estudar. A UFRGS tem falhado ao longo de todo esse processo em proporcionar uma estrutura de apoio ao estudante, particularmente ao que vem da África; eu acho que o contraste, de fato, é grande quando se olha, por exemplo, estudantes que vêm da China, toda uma estrutura de acolhimento, de apoio ou os que vêm da Europa. Os estudantes africanos são largados à sorte: quando cheguei, por exemplo, cheguei com uma mala, estava no meio da rua, sem saber exatamente para onde ia, num domingo, e alguém me apontou a casa dos estudantes. Fui para lá onde, por acaso, não tinha lugar; fiquei um ano no quarto de hóspedes. Imagino que a situação não tenha mudado muito de lá para cá, mas tudo isso exatamente gera alguns percursos nos quais os estudantes conseguem superar as dificuldades, se inserir, e acabam voltando para casa com o que estava

previsto: uma formação superior. Mas uma boa parte acaba se perdendo pelo caminho, então os processos de jubilação de estudantes, que não conseguem chegar ao fim do curso, têm a ver com falhas institucionais, fundamentalmente falhas de acolhimento.

RSA: Como professor já na Universidade, quais as suas opções de trabalho, tema, linha de pesquisa, cooperação para a Universidade em Cabo Verde? De alguma maneira suas escolhas acadêmicas como professor desta Universidade têm a ver com essa trajetória como estudante?

Dos Anjos: Tudo acabou ficando, digamos, muito articulado, e fazendo sentido, quer dizer, eu vim para fazer um curso que eu não sabia exatamente o que era e me deparei com uma realidade que eu não conhecia, que era a realidade do racismo; senti na pele e, ao mesmo tempo, a Universidade e a inserção no movimento social negro me forneceram instrumentos para pensar aquilo que estava percebendo e sentindo. O curso acabou fazendo muito sentido para mim e, de lá para cá, eu venho trabalhando em questões relacionadas à identidade étnico-racial, à questão de anti-racismo, aos processos de construção de identidade étnica; eu os reconstituí para a compreensão do processo de independência nacional do meu país e de como as elites intelectuais do país tem lidado de forma ambígua com todo esse processo colonial e pós-colonial. Passei a estudar as elites intelectuais no doutorado, as elites intelectuais cabo-verdianas que participaram do processo de independência, e acabei, então, por me vincular de forma definitiva na problemática das relações raciais. Em Cabo Verde, interessou-me o processo pós-colonial e as relações neo-coloniais e os processos de cooperação internacional: o que tem de dimensão emancipatória e o que tem de dimensão colonial nesses processos. Aqui no Brasil, continuo me interessando pelos processos, digamos, permanentes, estruturais, de subordinação racial, especialmente na questão quilombola que me atraiu de uma forma mais intensa. Então, acabei de um lado me interessando pela questão das relações internacionais em que Cabo Verde está inserido e de outro lado, aqui no Brasil, continuo interessado nas questões da subordinação racial, nomeadamente das apropriações territoriais quilombolas.

RSA: Qual o seu papel efetivo na cooperação entre a UFRGS e a Universidade de Cabo Verde?

Dos Anjos: Desde o início do processo de constituição da Universidade de Cabo Verde, por ser cabo-verdiano e estar em uma universidade pública e federal (UFRGS), fui chamado a fazer o papel de interlocutor já que era necessário visualizar quais eram os recursos que as universidades brasileiras poderiam aportar no processo de criação da Universidade de Cabo Verde. Eu conhecia bem Cabo Verde e ficou muito claro para mim as potencialidades de engajamento de instituições de ensino superior brasileiras numa agenda de cooperação com os países lusófonos. Há sete anos, seis universidades brasileiras se engajaram, numa reunião lá em Brasília, e eu fui chamado. A partir daí, eu me inseri nessa cooperação e, de fato, a única universidade que fez render, efetivamente, em termos de cooperação internacional, um processo permanente de cooperação foi a UFRGS, e isso tem a ver com o fato de que a Universidade me possibilitou situações de ida e vinda entre Cabo Verde e Brasil que fazem com que eu esteja o tempo todo percebendo quais são as necessidades cabo-verdianas e esteja vendo aqui os recursos a serem mobilizados, não apenas na área das Ciências Sociais que é onde nós conseguimos consolidar e estruturar um programa de Pós-Graduação que já está na quarta edição do Mestrado, com mais de 20 alunos formados com o título de Mestre e um primeiro programa de Doutorado. Já conseguimos expandir essa rede de relações para outras áreas. Nomeadamente na área da Agronomia, pude perceber quais eram as potencialidades da UFRGS, em termos de formatação de um curso que não fosse um curso de Agronomia clássico, mas um curso inovador, e nós conseguimos pensar no PGDR (particularmente o professor Fábio Beck) um curso de Agronomia que tem um desenho que não tem em nenhum lugar no Brasil – Agronomia Sócio-Ambiental – onde o componente social e o componente ambiental são tão importantes quanto o componente técnico. Esse grau de interdisciplinaridade, de se pensar na questão ambiental e não apenas a questão de produção, se tornou possível por que eu conhecia as potencialidades da UFRGS e as necessidades de Cabo Verde. Circular entre Cabo Verde e Brasil possibilitou um

tipo de cooperação que as outras universidades brasileiras, que também foram chamadas, e que estão geograficamente mais próximas de Cabo Verde, não conseguiram estabelecer.

RSA: Você diz que a UFRGS se destaca neste universo de seis universidades mas existe caso de outros estudantes africanos ou outras pessoas que tenham um percurso de formação parecido com o seu e que tenham tido a oportunidade de cumprir esse mesmo papel em outras universidades?

Dos Anjos: Tem um grupo de professores africanos que fez um percurso parecido no sentido de vir para fazer a graduação e acabar se tornando professor de uma universidade brasileira. O Professor Doutor Kabengele Munanga é o caso mais expressivo, mas normalmente todos acabam se inserindo bem em universidades brasileiras, mas não tem tido muita oportunidade de fazer esse movimento de retorno, de regresso à África. Quando as pessoas regressam à África, regressam para ficar. Eu atribuo esta oportunidade de fazer essa cooperação mais estrutural e mais intensa com Cabo Verde, em primeiro lugar, à generosidade, à perspicácia dos meus colegas do Departamento de Sociologia que me permitem este trânsito de ida e vinda, que de fato dá à UFRGS a possibilidade de exercitar, experimentar uma coisa que não se sabe muito bem como construir que é a cooperação Sul-Sul de uma forma mais intensa. O que está em jogo hoje é como a cooperação Sul-Sul pode ser diferente da cooperação Norte-Sul, da cooperação assistencialista, neo-colonial, em que os pacotes vão prontos da potência que tem mais recursos para o país que é dependente. Como fazer uma relação mais simétrica? O que essa experiência me permite dizer é que essa relação não pode ser mais simétrica sem uma intensa circulação dos atores que estão envolvidos no processo. Eu tive esta oportunidade; talvez os meus colegas africanos inseridos em outras universidades não a tiveram: estar presente na UFRGS e simultaneamente na Universidade Cabo-Verdiana e, portanto, poder conhecer as necessidades, as potencialidades, os recursos, as dificuldades do outro lado e desse lado de cá, e poder fazer essa articulação, expandi-la para outras áreas que não a área de origem. Acho que esta é

uma experimentação muito boa, por que de fato o Brasil está se transformando numa potência importante no tabuleiro internacional e tem uns riscos claros de que, diante de países fragilizados da África, o Brasil estabeleça uma relação que tenha uma dimensão neo-colonial. A atenção e os cuidados para que esta relação não seja de novo uma relação imperialista implica num processo que promova um diálogo, que promova a dimensão mais humana dos processos de cooperação, que esteja aberto ao novo; é isso que a UFRGS tem sabido de certa forma experimentar com Cabo Verde. De fato, todas as vezes que vieram delegações do meu país para cá, o acolhimento em nível de reitoria tem sido muito aberto, muito franco, simétrico. Acho que esse nível de cooperação tem sido muito bom.

RSA: Como é que a Universidade poderia se portar para melhorar a inserção e o acolhimento dos alunos PEC-G ou PEC-PG? O convênio entre os países limita as ações da Universidade neste sentido?

Dos Anjos: Eu acredito que os problemas estruturais de acolhimento têm a ver com limitações de vontade política de quem está na direção do convênio. Há experiências de outras instituições que comprovam isto. Tem uma coisa que é os estudantes virem com limitações de recursos definidas, mas nada impede que coisas muito simples como, por exemplo, alguém da UFRGS vá até o aeroporto esperar o estudante, alguém o possa receber, prever e visualizar em qual lugar o estudante vai se inserir, conduzir o estudante no processo de fazer a matrícula, ter um bolsista que oriente este tipo de trabalho e os processos subsequentes. Dessa forma o estudante teria um acompanhamento mais acolhedor que certamente faria render mais os recursos de cooperação investidos. Eu tenho ouvido os estudantes-convênio com muita frequência, ao longo desses anos, e tenho percebido que a pessoa que faz a interface com os estudantes-convênio tem um tratamento burocrático aos problemas dos estudantes que beira à hostilidade aberta e isso é uma questão de política da Universidade: ter, à frente de quem faz esta interface com o estudante-convênio, uma pessoa que seja acolhedora, que perceba que se trata de pessoas que estão com vínculos frágeis, que estão reconstruindo esses vínculos, estão se inserindo,

construindo um lugar de relações onde possam se sentir em casa. Então não me parece que seja uma questão de limitação de recursos do convênio: isso para mim é muito claro. Outra coisa é que estes estudantes estão vindo, chegando cada vez mais jovens e precisam construir o sentido do que eles estão fazendo, construir o sentido do curso que vão realizar, reconstruir o sentido dessa cooperação com a UFRGS. Potencializar a cooperação é trabalhar com a possibilidade de que as pessoas que se formam aqui sejam pontos, em África, de uma rede de relações com a UFRGS, com o Brasil, e que potencializem novas relações que estão em aberto, enquanto geradoras de riqueza material e, sobretudo, humana. Se as pessoas que vêm para cá entram num processo de construção de agendas institucionais relacionadas à história de seus países, seus próprios percursos, podendo relacionar isso com o momento histórico do Brasil, essas potencialidades são enriquecidas. Por exemplo, na Semana da África na UFRGS, os estudantes africanos têm a oportunidade de reconstruir o sentido de sua inserção em Porto Alegre e na Universidade Federal. Estas pessoas estão se potencializando muito mais, muito melhor, para contribuir com esta relação Sul-Sul, para o fortalecimento da relação Brasil/África. Antes dessas experiências de construção da Semana da África e/ou atividades semelhantes, os estudantes não sabiam muito bem a razão de estar no Brasil, além de estudar. As pessoas não vêm da África para cá apenas para estudar, elas vêm também para construir uma relação, uma relação Brasil/África, e isso que é importante nessa cooperação.

Eu sinto ainda e vejo o processo do estudante cabo-verdiano mais de perto; vejo que muitos deles se perdem, exatamente porque vêm desgarrados, não tem vínculos e, com frequência, o curso não está fazendo muito sentido. Existe toda uma série de outros atrativos. Alguns acabam se perdendo no meio desse processo. Se as pessoas se inserem no meio de um processo, estão numa rede, as academias as absorvem e elas percebem que o curso que estão fazendo é importante para o país de onde vieram. É importante para o fortalecimento das relações entre o Brasil e os países de origem e isso acaba dando um sentido ao que estão fazendo, o que é fundamental para a qualidade da formação que estão recebendo.

RSA: Percebe-se que estes alunos estão cada vez mais afastados da Universidade, não tem relação dentro dela, estão fechados nos seus grupos por país ou conjuntos de países e toda sua vida é fora... Isto não acarreta uma perda para o estudante e para a própria Universidade?

Dos Anjos: Essa é a própria questão de reconstruir o sentido do que seja universidade: um lugar de encontro de diversidades, de culturas, um lugar de enriquecimento das pessoas que se inserem no processo e que, por esse encontro de culturas, acaba enriquecendo-se e enriquecendo todo o ambiente de contato com a universidade e gerando conhecimentos novos também por isso. É isso que falta no momento de chegada do estudante PEC-G e mais do que do estudante PEC-PG. Esse estudante chega muito jovem, desgarrado, com uma sensação de perda de relações afetivas e emocionais e acaba se fechando em ilhas de relações de afetos passíveis de serem reconstruídos com os conterrâneos. Isso é reforçado pelo fato de haver uma ameaça velada no tipo de contrato que o estudante-convênio faz. Dizem-lhe à partida: “você não pode participar de nenhuma atividade política...”- A forma como o estudante interpreta isso, e tem a ver com o próprio grau de alienamento em que ele se situa, é: “Bom, então não vou participar de nada”. O estudante é alienado de poder experimentar o que essa cooperação tem de mais rico - um estudante africano, chegando num país que tem um problema racial, e que pode reconstruir a própria trajetória do seu país, do colonialismo etc., sob a ótica do racismo que ele está presenciando. Se ele não tem essa oportunidade, se aliena, fica olhando à distância, e prefere nem perceber para poder minimizar o grau de hostilidade e conflito em que pode se inserir. Lembremos as peculiaridades da sociedade brasileira em relação ao racismo que também favorece este comportamento. Às tantas e quantas ele é percebido como: “você é negro, mas é um negro diferente, você é um africano, está cursando um ensino superior, então não é um negro brasileiro”. Dessa forma, ele acaba podendo ter um certo grau de aceitação e tolerância que o estudante negro brasileiro não recebe quando chega na universidade. Por tudo isso, ele deixa de experimentar o melhor do que ele poderia ter desse momento histórico brasileiro.

RSA: Como você percebe a questão do preconceito racial e da discriminação para com os estudantes africanos? Como a Universidade pode colaborar com este estudante no enfrentamento ao racismo?

Dos Anjos: Essa é uma questão que observo o tempo todo. Vou para Cabo Verde e a sensação é boa, posso esquecer que tenho cor, que tenho raça. Aqui eu lembro-me o tempo todo disso, o tempo todo estão me lembrando disso. Tem uma música de um cabo-verdiano que me espantou no modo como identificou a questão do estar em casa: “Bom, finalmente estou voltando para casa, não tenho mais cor, que bom!” Aqui se percebe o tempo todo, o dia todo; o incômodo é que você tem que carregar a raça no ônibus, na rua, nas lojas e, se você chega a Cabo Verde ou em Angola, você tem outros problemas, mas não tem o problema de raça. É fundamental essa questão do suporte institucional, até por que o Brasil reconhece hoje institucionalmente o problema racial. Está recebendo africanos e, ao longo da trajetória de quatro anos aqui, o estudante é várias vezes vítima de racismo e não tem o suporte institucional de que ele precisa. Desse modo, ele se refugia, se fecha em si, na relação com os colegas, cria ilhas.

RSA: Que conselho você daria a um estudante PEC-G recém chegado na Universidade?

Dos Anjos: Se eu fosse dar um conselho ao estudante africano eu diria: “Vincule-se menos aos seus colegas de seu país.” A minha experiência foi esta: em certo momento eu me desvinculei dos cabo-verdianos e me vinculei, não apenas às pessoas da Universidade, mas a um espaço externo da Universidade. Isso tem a ver com a peculiaridade do meu curso - Ciências Sociais - e isso fez-me vincular a afro-brasileiros em luta anti-racista; perdi o contato com os cabo-verdianos. De certa forma, o conselho é: “saia da ilha dos estudantes africanos.” A forma do acolhimento que a Universidade dá favorece uma guetização e o desafio que o estudante africano tem é sair desse gueto e se relacionar com o outro, se abrir para experimentar, de uma forma mais intensa a realidade, o momento histórico brasileiro. ▲▲